



# A mulher na luta revolucionária pelo socialismo

Vladimir Ilich Lênin



**POR** | Partido Operário Revolucionário

 **EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS**  
**MASSAS**



# **A mulher na luta revolucionária pelo socialismo**

*Vladimir Ilich Lênin*



# Índice

Apresentação .....	5
A questão da mulher em Lênin .....	7
Integração das mulheres exploradas à luta coletiva do proletariado . .....	10
A completa igualdade entre homem e mulher é realizável somente no socialismo .....	14
“A instituição do divórcio não destrói a família” .....	19
O aborto: da hipocrisia burguesa à política proletária ..	23
A prostituição: chaga burguesa que se extinguirá com o socialismo .....	27
A reivindicação de “amor livre” .....	31
As mulheres no Estado operário .....	36
A mulher camponesa e a construção do socialismo .....	38
Destacamento de vanguarda das transformações socialistas .....	41
O programa da III Internacional para a mulher .....	45



## Apresentação

Publicamos, no presente folheto, as principais formulações de Lênin sobre os fundamentos, os princípios, o programa, os métodos e táticas de luta para a emancipação da mulher. A concepção marxista sobre a opressão sofrida pela mulher deve guiar o trabalho dos partidos revolucionários. É imprescindível que as mulheres exploradas se elevem como um destacamento avançado da luta pelo socialismo.

No pensamento de Lênin e no seu trabalho de organização do partido revolucionário, está presente como guia a bandeira de libertar a mulher da condição de escrava doméstica da família. Sem essa emancipação, não há como acabar com a opressão histórica que milenarmente recai sobre a mulher.

A formulação do programa para a real e definitiva emancipação da mulher é um processo ininterrupto. Mas, seus fundamentos científicos e as formulações programáticas essenciais foram traçadas por Marx e Engels. Com a publicação do folheto sobre o livro *A mulher e o Socialismo*, de August Bebel, avançamos mais um passo na tarefa de assimilar as contribuições do marxismo para elaborar o programa da completa emancipação das mulheres.

A presente publicação é, de outro lado, uma contribuição para a luta contra os desvios do revisionismo do marxismo que transforma a opressão da mulher em fenômeno social à parte da opressão de classe. Os leitores poderão observar

como Lênin combate ferrenhamente as posições burguesas opostas à luta do proletariado. Põe de relevo as manifestações ideológicas da burguesia e da pequena burguesia entre as mulheres exploradas. O interesse de Lênin pela questão da mulher, convertido em uma rigorosa exposição científica sobre a sua opressão, tem o claro objetivo de dotar o movimento das mulheres de uma política proletária, de um programa marxista e dos métodos da luta de classes. É também o que constatamos ao ver sua dedicação em orientar um trabalho comunista de agitação, propaganda e organização voltado a transformar as massas femininas exploradas em força ativa das transformações revolucionárias.

O folheto demonstra ainda o zelo de Lênin em tratar a luta contra as diversas manifestações sociais da opressão sobre a mulher como fenômeno condicionado e determinado pela estrutura da sociedade dividida em classes sociais. Isto é, como manifestação da opressão de classe. “*A compreensão marxista do fenômeno da opressão sobre a mulher como manifestação da opressão de classe está indissoluvelmente ligada ao desenvolvimento do programa e dos métodos de luta pela revolução e ditadura proletárias*”, afirma Lênin.

Finalmente, sem chegar a escrever um estudo científico particular sobre a opressão da mulher, as formulações de Lênin ganharam força material quando publicadas as *Teses para o trabalho comunista entre as mulheres*, aprovadas pela III Internacional Comunista (1921). Nelas, está fixada a estreita e indissolúvel relação entre métodos de trabalho e organização revolucionária das massas femininas, entre as táticas de luta e a estratégia da revolução e ditadura proletárias, bem como entre a luta nacional e internacional do proletariado pelo fim de toda opressão.

Hoje, quando a desagregação capitalista projeta e reforça os requintes da violência, se aprofunda a discriminação social e política e se reforça a dupla opressão da mulher no trabalho e no lar, mais do que nunca, a vanguarda deve lutar para que as mulheres operárias, camponesas e jovens oprimidas abracem e assimilem as ricas formulações marxistas de Lênin.

*6 de março de 2018, Lucas Martinez*



## A questão da mulher em Lênin

No texto *A emancipação da mulher segundo Lênin*, de 30 de novembro de 1933, Nadezhda Krupskaya afirma que *“Toda mulher proletária, toda mulher camponesa deve saber sobre tudo o que Lênin fez, cada aspecto de seu trabalho, sem limitar a si própria ao que Lênin disse sobre a posição da mulher proletária e sua emancipação”*. E de saber também de sua dedicação para achar em cada fenômeno particular da opressão da mulher *“(...) uma estreita conexão entre toda a luta da classe operária e a melhora da posição da mulher”*.

Enquanto no exílio, Lênin propôs ao partido a publicação de *“um panfleto chamado Mulheres e a Causa dos Trabalhadores”*, no qual pretendia descrever *“a posição das mulheres operárias das fábricas e das mulheres camponesas”*. Objetivava, desse modo, *“mostrar-lhes que a única salvação era através de sua participação no movimento revolucionário, e que apenas a vitória da classe operária traria a emancipação às mulheres operárias e camponesas”*.

Está aí explicitado o afincado de Lênin em conhecer as determinações sociais e históricas da opressão da mulher sob o capitalismo e orientar o partido *com que programa e por que meios* desenvolver um trabalho de agitação e propaganda revolucionárias no seio das massas femininas, para elevá-las à compreensão de se organizar como destacamento na luta política do proletariado.

Entretanto, os processos objetivos da história impuseram a Lênin concentrar suas forças físicas e intelectuais no estudo da situação política mundial, da estruturação das classes sociais e no desenvolvimento particular do capitalismo na Rússia, na dinâmica de luta de classes e sua expressão na luta política do proletariado pela conquista do poder, na elaboração da teoria marxista do partido, nas formas da organização e constituição do Estado operário, etc. Mas, jamais abandonou as formulações marxistas sobre a opressão da mulher. Nos textos que aqui comentamos, se pode ver essa dedicação orientada a conhecer e compreender as relações entre homem e mulher no capitalismo e seus reflexos nas classes sociais, na situação particular dos direitos das mulheres, e, especialmente, nas reivindicações e no programa para transformar as massas femininas em vanguarda da luta pela emancipação da mulher de toda forma de opressão.

O ponto de partida de Lênin era o de que não existiam *“problemas especificamente femininos”*. Como tantos outros problemas e chagas sociais, que nasceram da sociedade dividida em classes, para Lênin, as manifestações da opressão da mulher tinham importância na medida em que colocavam o problema da tática para a luta contra toda opressão e sua estreita relação com a estratégia proletária. Não por acaso, insistirá às comunistas para penetrarem no seio das massas femininas, para constitui-las em destacamento avançado da luta pelo socialismo. Essa era a via da fusão da luta das mulheres com o movimento revolucionário do proletariado. Eis por que Lênin terá uma influência decisiva na formulação das *Teses para a propaganda entre as mulheres*, aprovadas pelo III Congresso da Internacional Comunista. Nelas está colocado: *“A igualdade não formal, mas real, da mulher só é possível num regime em que ela seja a dona dos instrumentos de produção e distribuição, fazendo parte da administração e trabalhando em igualdade com os homens; em outros termos, essa igualdade só será realizada com a derrota do sistema capitalista e sua substituição pelas formas econômicas comunistas”*.

O essencial das formulações que aqui resgatamos está em

que demonstram que a extinção de toda discriminação e violência do homem sobre a mulher, seja essa individual ou coletiva, não pode ser resolvida no capitalismo. Portanto, será com sua destruição e com o desenvolvimento do socialismo que se criarão as premissas materiais e sociais para sua erradicação definitiva. Nesse sentido, as operárias e camponesas constituiriam a vanguarda na construção do socialismo e das novas relações sociais e afetivas. Como assinala Lênin: *“A experiência de todos os movimentos de libertação testemunha que o êxito de uma revolução depende do grau em que dela participam as mulheres”* (*O Trabalho da Mulher na Agricultura no Regime Capitalista*, 31 de Julho de 1913).

Como se vê, a discriminação e a dupla opressão sofridas pela mulher no capitalismo (com suas particulares manifestações no seio da família e do matrimônio) não constituíam para Lênin um mero objeto de estudo teórico, para melhor combater ideologicamente a burguesia. Ao contrário, em cada um dos artigos, discursos e textos aqui analisados, Lênin trata das diversas manifestações da opressão sobre a mulher em ligação estreita com todos os fenômenos da vida social e em sua relação com o programa e com os métodos da luta revolucionária pelo socialismo.

O fundamental, no entanto, está em que Lênin estudava os problemas colocados pelas manifestações da opressão da mulher objetivando pôr de relevo suas causas materiais e suas determinações históricas para, assim, colocar os problemas práticos e organizativos que permitissem erguer as palavras de ordem e desenvolver os métodos e táticas que mobilizassem as massas femininas em defesa de seus interesses, transformando-as em um destacamento de vanguarda da classe operária e força motriz das transformações revolucionárias e socialistas.

A compreensão marxista do fenômeno da opressão sobre a mulher como manifestação da opressão de classe está indissolúvelmente ligada ao desenvolvimento do programa e dos métodos de luta pela revolução e ditadura proletárias. Essa unidade dialética é parte indissolúvel das formulações de Lênin sobre a opressão da mulher.

## Integração das mulheres exploradas à luta coletiva do proletariado

A situação da mulher tem por fundamentos as condições econômicas e sociais que expressam uma base material histórica e determinadas relações sociais de produção. Nesse sentido, Lênin entende a opressão da mulher como um fenômeno social subordinado à divisão da sociedade em classes e à propriedade privada dos meios de produção: uma manifestação da opressão de classe. É o que se observa no artigo *Às Operárias*, escrito em 22 de Fevereiro de 1920. Nele, coloca que *“Onde existem latifundiários, capitalistas e comerciantes, não pode existir a igualdade entre o homem e a mulher, nem mesmo diante da lei”*.

A permanência da propriedade privada e das relações de produção capitalistas impedem a libertação das mulheres da escravidão do trabalho familiar e da economia doméstica e impossibilitam a conquista da igualdade real com o homem em todos os aspectos da vida econômica, social e política. Como disse Lênin no texto *O Dia Internacional da Mulher* (8 de março de 1921), *“mesmo nas repúblicas burguesas mais democráticas, persiste, em primeiro lugar, a desigualdade jurídica, porque a lei não lhes concede igualdade com os homens e, em segundo lugar — e essa é a questão essencial —, elas sofrem a «escravidão doméstica»,*

são «escravas domésticas», sufocadas pelo trabalho mais mesquinho, mais humilhante, mais duro, mais degradante, o trabalho da cozinha e da casa, que as relega ao âmbito estreito da própria casa e da própria família”.

Se a opressão sobre mulher é a sociedade dividida em classes, não seria sob o capitalismo que se alcançará a plena igualdade das mulheres. Segundo se destaca no texto *O Dia Internacional da Mulher* (7 de Março de 1920), “O capitalismo alia à igualdade puramente formal a desigualdade econômica e, portanto, social. Essa é uma de suas características fundamentais, hipocritamente dissimulada pelos defensores da burguesia, pelos liberais e não compreendida pelos democratas pequeno-burgueses”. E, mais à frente: “(...) mesmo no que se refere à igualdade formal (igualdade diante da lei, a ‘igualdade’ entre o bem nutrido e o esfomeado, entre o possuidor e o espoliado), o capitalismo **não pode** dar prova de coerência. E uma das manifestações mais eloquentes de sua incoerência é a **desigualdade** entre o homem e a mulher”.

Constatamos que, para Lênin, “Nenhum Estado burguês, por mais progressista republicano e democrático que tenha sido, concedeu completa igualdade de direitos ao homem e à mulher”. O fundamental dessa apreciação estava em que “Dessa característica do capitalismo decorre, entre outras coisas, a necessidade, na luta decidida pela igualdade econômica, de reconhecer abertamente a desigualdade capitalista” (*Às Operárias*, de 22 de Fevereiro de 1920).

Essa perspectiva exigia incluir as reivindicações das massas femininas exploradas como parte do programa do proletariado. Quando se debateu o programa do grupo Emancipação do Trabalho, comentando o ponto 9, que afirmava que “a revisão de toda a nossa legislação civil e criminal, abolição das divisões em estamentos e das punições incompatíveis com a dignidade do homem”, Lênin (*Um esboço de programa de nosso partido*) propôs adicionar o seguinte: “completa igualdade de direitos para homens e mulheres”. Em 1903, seria adotado o programa com a inclusão proposta por Lênin.

No entanto, o essencial estava em que “Não é possí-

*vel uma revolução socialista sem a participação da imensa maioria das mulheres trabalhadoras” (Discurso no Primeiro Congresso Pan-Russo das Operárias, 19 de novembro de 1918). A luta pela igualdade entre o homem e a mulher passava, assim, a se integrar à luta política pela derrocada do regime burguês. De outro lado, “Não é possível, porém, atrair as massas para a política se não se atraem as mulheres”.*

Tratava-se, portanto, de atrair as massas femininas do proletariado e do campesinato às posições revolucionárias. Essas massas femininas exploradas constituíam a garantia da vitória da revolução e do socialismo. Lênin chama os marxistas a prestarem especial atenção às reivindicações e táticas que destacassem a luta pela igualdade e emancipação das mulheres como parte indissolúvel da revolução proletária. Somente um estado operário criaria as condições para superar as chagas da opressão da mulher. Essa premissa guiou todo o trabalho de Lênin.

A constituição do Estado operário foi o passo decisivo no caminho da igualdade real entre homem e a mulher, e arrancou as raízes *“da opressão e da desigualdade das mulheres muito mais profundamente que se tenha ousado, até hoje, qualquer partido e qualquer revolução”*. Como disse Lênin, *“Àqueles que o capitalismo oprimia de modo direto ou indireto, total ou parcial, o regime dos soviets — e apenas este regime — assegura a democracia. As condições da classe operária e dos camponeses mais pobres comprovam-no claramente. Comprovam-no claramente as condições da mulher”*.

Mas, o dirigente do partido bolchevique não obscurecia o fato de que a revolução e ditadura proletárias não acabariam de uma só vez com as desigualdades. Apenas criariam as condições para avançar sua superação. É o que coloca no texto *Às Operárias*, afirmando que, mesmo reconhecendo que *“Onde não existem latifundiários, capitalistas e comerciantes, onde o poder dos trabalhadores constrói uma nova vida sem tais exploradores, existe diante da lei a igualdade entre o homem e a mulher”*. Ao mesmo tempo

reconhece que isso não basta, uma vez que “*A igualdade diante da lei não é ainda a igualdade efetiva*”.

Estava colocado o trabalho de edificação das bases econômicas e sociais, que permitiriam firmar as conquistas revolucionárias: a integração de todas as mulheres à produção social e à vida política; a consolidação das lavanderias, refeitórios e creches estatais; o desenvolvimento da coletivização no campo, etc. Essas tarefas, na Rússia, levariam dezenas de anos. E dependia, em última instância, do percurso da revolução socialista mundial.

Está aí a importância que Lênin deu à elaboração das *Teses para o trabalho comunista entre as mulheres*, apresentado por Clara Zetkin e aprovado no III Congresso da Internacional Comunista. A experiência histórica demonstraria a importância da integração da mulher à luta revolucionária em todos os países. Dessa integração dependia a conquista das condições da efetiva emancipação da mulher e das massas em seu conjunto da exploração do homem pelo homem.

## **A completa igualdade entre homem e mulher é realizável somente no socialismo**

A igualdade não apenas formal, mas real e efetiva foi a mais importante reivindicação das massas femininas na história contemporânea. Lênin demonstrará que, enquanto permanecer em pé o regime burguês e a propriedade privada, conquistar essa reivindicação será impossível.

No texto *As Tarefas do Movimento Operário Feminino na República dos Sovietes* (25 de Setembro de 1919), explica: “*Há muito tempo, não apenas há dezenas de anos, mas há séculos, os representantes de todos os movimentos de libertação na Europa ocidental reivindicam a revogação das leis caducas e a instauração da igualdade jurídica entre homens e mulheres; porém, nem um só dos estados democráticos europeus, nem uma só das repúblicas mais avançadas soube vir ao encontro dessa reivindicação porque, onde existe o capitalismo, onde se mantém a propriedade privada da terra, das fábricas e das oficinas, onde se mantém o poder do capital, continua inalterada a situação privilegiada dos homens*”. De forma que “*Nenhum Estado burguês, por mais progressista republicano e democrático que tenha sido, concedeu completa igualdade de direitos ao homem e à mulher*”.



Como assinala ainda no artigo *O Dia Internacional da Mulher* (7 de Março de 1920), “*O capitalismo alia à igualdade puramente formal a desigualdade econômica e, portanto, social*”. Acobertar essa desigualdade real com as formas retóricas e jurídicas de uma igualdade puramente formal “*é uma de suas características fundamentais hipocritamente dissimulada pelos defensores da burguesia, pelos liberais e não compreendida pelos democratas pequenoburgueses*”. Tratava-se, assim, de impulsionar a luta das mulheres exploradas pela defesa dos direitos civis e democráticos, que, em seu desenvolvimento, coloca a luta pelo socialismo. Nas palavras de Lênin: “*Dessa característica do capitalismo, decorre, entre outras coisas, a necessidade, na luta decidida pela igualdade econômica, de reconhecer abertamente a desigualdade capitalista (...)*”.

O certo é que, sem a igualdade real nas relações econômicas, não pode existir igualdade real na esfera das relações políticas entre os indivíduos. É o que demonstra Lênin no texto *As Tarefas do Movimento Operário Feminino na República dos Sovietes*. Nele, constatará que na “*(...) sociedade capitalista, para ocupar-se de política, exigia-se uma preparação específica; por isso, a participação das mulheres na política era insignificante, até mesmo nos países capitalistas mais avançados e mais livres*”. Enquanto que, no socialismo, significava, pelo contrário, “*(...) tornar a política acessível a qualquer trabalhadora. Desde o momento em que a propriedade privada da terra e das fábricas é abolida e o poder dos latifundiários e dos capitalistas derubado, as tarefas políticas das massas trabalhadoras e das mulheres trabalhadoras se tornam simples, claras e inteiramente acessíveis a todos*”. Assim, enquanto que, no capitalismo, “*(...) a mulher é privada dos direitos políticos a tal ponto que sua participação na política é quase nula em relação à do homem*”, no socialismo, se criarão as condições para sua inclusão em todas as esferas de decisão econômica e política.

Finalmente, a luta pela igualdade se integrava à luta da classe mundial do proletariado. Eis por que Lênin insistirá, nos Congressos do bolchevismo, da Internacional Comu-

nista e nas reuniões com dirigentes e operárias revolucionárias, que “O socialismo se propõe a tarefa de sustentar em todo o mundo a luta contra toda forma de exploração do homem pelo homem” (*As Tarefas do Movimento Operário Feminino na República dos Sovietes*).

Observa-se, do que temos dito acima, que Lênin vê com clareza a dialética entre a luta pelas reivindicações democráticas e a impossibilidade de serem conquistadas no capitalismo como um aspecto que desenvolve a luta organizada da classe operária mundial pela revolução social. De forma que a luta pela completa igualdade entre a mulher e o homem exige da classe operária se constituir em classe consciente e assimilar o programa da revolução e ditaduras proletárias.

A história demonstrou que a república dos soviets constituiu um amplo laboratório social, que comprovou as premissas históricas do marxismo. No artigo *O Dia Internacional da Mulher*, de 1920, Lênin afirma: “a República da Rússia Soviética varreu para sempre, de um só golpe, **sem exceção**, todos os resquícios das leis que colocavam os dois sexos em condições desiguais e garantiu imediatamente à mulher a igualdade jurídica mais completa”.

No texto *As Tarefas do Movimento Operário Feminino na República dos Sovietes*, Lênin assinala: “Na Rússia, essa reivindicação só pôde ser realizada porque (...) foi instaurado o poder dos operários”. E o proletariado no poder, observa “(...) realizou, nos primeiros meses de sua existência, a reviravolta mais decisiva na legislação sobre a mulher. Na República soviética, não ficou pedra sobre pedra das leis que colocavam a mulher num estado de submissão. Refiro-me, precisamente, às leis que, aproveitando-se do fato de que a mulher é mais débil, a colocavam numa situação de desigualdade, muitas vezes até mesmo humilhante; isto é, às leis que se referem ao divórcio e aos filhos naturais e àquelas sobre o direito da mulher a citar judicialmente o pai, para prover o sustento do filho”. E finaliza: “Não deixando subsistir em suas leis o menor sinal de desigualdade da mulher, o poder soviético realizou a democracia de uma

*forma mais elevada que em qualquer outro país, inclusive os mais avançados”.*

Como se vê, a revolução proletária dava um salto gigantesco na tarefa de abolir as desigualdades entre homens e mulheres e abria um novo campo de ação às operárias e camponesas para abolir as odiadas cadeias da opressão da mulher. Mas, não significava que se abolissem de uma vez e para sempre as heranças do passado.

Lênin observa que a permanência do baixo nível de desenvolvimento das forças produtivas, o isolamento da revolução russa, o atraso secular, etc., dificultavam estender as primeiras conquistas. Segundo afirma, “(...) *mesmo quando existe plena igualdade de direitos, essa opressão da mulher continua de fato a subsistir, porque sobre ela cai todo o peso do trabalho doméstico que, na maior parte dos casos, é o trabalho menos produtivo, mais pesado, mais bárbaro. É um trabalho extremamente mesquinho, que não pode contribuir, no mínimo que seja, para o desenvolvimento da mulher*”. De forma que “(...) *a construção do socialismo só começará quando, depois de haver realizado a igualdade completa da mulher, juntamente com ela, libertada de uma atividade mesquinha, degradante, improdutivo, essa se lançar ao novo trabalho. Será um trabalho de longos anos, que não dará resultados tão rápidos, nem produzirá efeitos tão brilhantes*” (As Tarefas do Movimento Operário Feminino na República dos Sovietes). De forma que “*Para que a mulher seja completamente emancipada e efetivamente igualada ao homem, é preciso que os trabalhos domésticos sejam atividades pública e que a mulher participe do trabalho produtivo geral. Então, ela terá uma posição igual à do homem*”. O que não significava “*abolir para a mulher todas as diferenças concernentes ao rendimento do trabalho, à quantidade e condições de trabalho, mas de pôr fim à opressão da mulher que decorre da diferente situação econômica dos dois sexos*”.

Lênin chama as operárias e camponesas a se constituírem na vanguarda dessas transformações. Eis: “(...) *queremos lutar pela plena realização do socialismo e aqui um vas-*

*to campo de trabalho se abre diante das mulheres”. Deviam ser as próprias operárias a vanguarda da luta pela criação de “instituições modelos, refeitórios, creches, que libertarão as mulheres do trabalho doméstico. E a tarefa de organizar todas essas instituições caberá antes de tudo às mulheres. (...) Como dizemos que a emancipação dos operários deve ser obra dos próprios operários, assim também afirmamos que a emancipação das operárias deve ser obra das próprias operárias. As próprias operárias se devem ocupar do desenvolvimento das instituições desse tipo; e essa atividade das mulheres conduzirá a uma transformação completa de sua antiga situação na sociedade capitalista”.*

Comprova-se que, somente conquistando o poder político pelo proletariado e avançando as transformações revolucionárias, as mulheres russas puderam conquistar a legislação social, que declarou, sem restrições, a igualdade formal e jurídica entre homens e mulheres. Mas, *não constituía ainda* a real e efetiva igualdade social e política das mulheres em relação aos homens. A penetração das mulheres em todas as esferas de decisão econômica e política do Estado operário completaria esse trabalho inicial. Para isso, se requereriam dezenas de anos de desenvolvimento do socialismo e não apenas em escala nacional, mas internacional.

O baixo nível das forças produtivas, o cerco e a intervenção imperialista, combinando-se as derrotas da revolução na Alemanha, Itália e na China, confluíam para abalar os cimentos da plena igualdade entre homem e mulher, colocados pela revolução russa. Que depois seriam atacados pela contrarrevolução estalinista. No entanto, não se apagaram os ensinamentos da revolução russa, que confirmam o método e programa marxistas como a única via para as mulheres conquistarem a igualdade com os homens em todas as esferas da vida social.

## **“A instituição do divórcio não destrói a família”**

No domínio das relações familiares, é onde mais se firmaram os preconceitos ideológicos e morais que determinaram a proeminência do homem sobre a mulher. De forma que a luta pela igualdade diz, também, respeito ao direito da mulher de finalizar um relacionamento quando desejar, sem ter de se submeter ao arbítrio e ditado do homem.

Para Lênin, a ruptura dos laços familiares deve ser o resultado da livre decisão dos indivíduos envolvidos neles. Não corresponde ao Estado ou às religiões imporem a manutenção do matrimônio, quando este se torna em uma carga para os cônjuges. O divórcio constituiu, assim, um direito essencial e uma das reivindicações principais das massas femininas. No entanto, no capitalismo, era persistentemente negado ou tão restringido que colocava a mulher indefesa, econômica e socialmente, perante o homem. De forma que Lênin defende não apenas o direito ao divórcio, como também que o Estado garanta à mãe e aos filhos os recursos e cuidados necessários, enquanto não fossem capazes de suprir sua própria existência.

Segundo Lênin, a livre decisão e o consentimento deveriam se tornar naturalmente em hábitos e costumes. Somente assim, dizia, será conquistada a verdadeira democracia das relações entre os sexos e dos relacionamentos

afetivos. O que não significava, porém, desconhecer que essa mudança devia ser instituída pela promulgação de leis. Era necessário, de fato, uma completa mudança nas condições de vida social e na participação da mulher na política e na economia.

Como assinala no texto *O Dia Internacional da Mulher* (8 de Março de 1921), “A revolução bolchevique soviética arranca as raízes da opressão e da desigualdade das mulheres muito mais profundamente do que se tenha ousado, até hoje, qualquer partido e qualquer revolução”. De forma que “não restou nenhum vestígio da desigualdade jurídica entre homens e mulheres”. E, em primeiro lugar, “(...) a desigualdade, particularmente ignóbil, abjeta e hipócrita, que caracterizava o direito matrimonial e de família, a desigualdade em relação aos filhos”. Isso por que a revolução não deixou “(...) pedra sobre pedra todas as abjetas leis sobre as limitações dos direitos da mulher, sobre as restrições ao divórcio, sobre as odiosas formalidades às quais estava vinculado, sobre a possibilidade de não reconhecer os filhos naturais, sobre a investigação de paternidade, etc.; leis, cuja sobrevivência, para vergonha da burguesia e do capitalismo, são muito numerosas em todos os países civilizados”. Lênin adverte: “(...) quanto mais limpamos o terreno do entulho das velhas leis e instituições burguesas, melhor vemos que com isso apenas limpamos o terreno para construir e ainda não empreendemos a própria construção”.

Evidentemente, a revolução não poderia acabar com as heranças do passado no que diz respeito aos hábitos e costumes burgueses nas relações afetivas e conjugais. Faltava ainda a socialização das tarefas domésticas e a plena e efetiva participação das mulheres na produção e na vida política do Estado operário. Lênin sabia ainda da importância de dar passos ousados e decisivos na limpeza das falácias no campo das ideias e das medidas práticas. E se devia sempre partir do respeito e da maior consideração diante de qualquer direito da mulher. Era tarefa de primeira grandeza se livrar da sobrevivência da ideologia dos “feudais, reacionários e agentes diplomáticos do obscurantismo”.

É o que notamos no texto *A Instituição do Divórcio Não*

*Destrói a Família*, de 12 de março de 1922, após ler o número um da revista *Ekonomist* (1922). Lênin destaca um articulista que, após apresentar dados sobre o número de divórcios e referindo-se ao curto período de tempo em que se mantiveram, afirma: “*Esses dados provam que o casamento legal é atualmente uma formalidade que encobre relações sexuais substancialmente extraconjugais e permite aos amantes de ‘aventuras’ satisfazer legalmente seus ‘apetites’*”.

No que diz respeito à instituição do divórcio e uniões conjugais, por mais transitórias que fossem, Lênin dizia que o fundamental estava em compreender que o Estado operário devia todo e qualquer apoio jurídico, legal, político e social às mulheres que despertavam para uma nova vida e procuravam estabelecer relações mais igualitárias entre os sexos. E que os primeiros passos dados no exercício da plena igualdade *obrigatoriamente* se veriam submetidos a não poucos erros e deformações nessa busca de relações mais sadias e harmônicas entre homens e mulheres.

Tais considerações, combinadas à compreensão das circunstâncias difíceis, que o socialismo devia atravessar, se insurgiam contra o atraso secular e o obscurantismo moral. Deviam, portanto, ajudar aos intelectuais, aos dirigentes e às diversas camadas responsáveis pela condução das transformações que varriam séculos de opressão sobre a mulher. Eis por que Lênin chamava a atenção de que “*O conhecimento, mesmo superficial da legislação dos países burgueses, relativa ao casamento, ao divórcio e aos filhos naturais, como também a situação que de fato existe neles, mostrará, a quem quer que se interesse pela questão, como a democracia burguesa dos nossos dias, mesmo nas repúblicas burguesas mais democráticas, tem a esse respeito uma atitude verdadeiramente feudal no que se refere à mulher e aos filhos naturais*”. De forma que rejeitava que o número de divórcios na Rússia constituísse “*atualmente uma formalidade que encobre relações sexuais substancialmente extraconjugais e permite aos amantes de ‘aventuras’ satisfazer legalmente seus ‘apetites’*”.

Sem dúvida, o número crescente de divórcios na Rússia revolucionária indicava uma mais elevada consciência

das massas. E que a revolução permitiu às mulheres procederem com maior responsabilidade perante o Estado e a sociedade. Não por acaso, Lênin afirma: *“Quem quer que conheça, ainda que pouco, as condições sociais existentes nos países burgueses sabe que, na realidade, o número dos divórcios efetivamente realizados (não homologados, é claro, pela Igreja e pela lei) é em toda parte infinitamente superior”*. Diferentemente, a Rússia se distinguia *“porque suas leis, ao invés de consagrarem a hipocrisia e a privação de direitos da mulher e dos seus filhos, declaram abertamente, em nome do Estado, uma guerra sistemática a qualquer hipocrisia e a qualquer privação de direitos”*. Como se vê, *“a revolução bolchevique é a única revolução democrática consequente diante das questões do casamento, do divórcio e da situação dos filhos naturais (...) que tocam muito diretamente nos interesses de mais da metade da população de cada país. Apenas a revolução bolchevique sustentou (...) uma luta decidida tanto contra a reação e a sujeição, como contra a habitual hipocrisia das classes dirigentes e possuidoras”*.

Observa-se que era intolerável para Lênin que um membro da “comunidade científica” russa procedesse com a mentalidade de um reacionário pequeno-burguês. E, por outro lado, era plenamente ciente de que a revolução tinha ainda um caminho muito longo a percorrer para consolidar novas relações afetivas e conjugais. O Estado operário deu o passo mais significativo para estabelecer as bases jurídicas, políticas, sociais e econômicas do direito de divórcio para qualquer dos cônjuges e para acabar com os preconceitos largamente inoculados pelo capitalismo.

Para Lênin, somente o socialismo permite assentar os cimentos de uma nova relação entre homem e mulher e faria do processo de ruptura das uniões afetivas um acontecimento “tão simples”, que não traria nenhuma consequência negativa à sociedade, aos indivíduos e às crianças envolvidos. Está aí a importância de a vanguarda feminina assumir a luta pela edificação das bases materiais e sociais do socialismo, sobre as quais se desenvolveriam relações afetivas mais sadias e harmoniosas.



## O aborto: da hipocrisia burguesa à política proletária

Lênin estava interessado no debate sobre o aborto travado no seio da burguesia e da pequena burguesia. Objetivava, assim, ajudar as massas a porem em relevo a hipocrisia das formulações médicas e das medidas de saúde pública.

As posições sobre aborto da burguesia e do proletariado são antagônicas. A burguesia e a Igreja se opõem que o direito ao aborto é uma medida elementar de proteção das condições físicas e mentais das mulheres, em face das brutais condições da existência social. O aborto é uma decisão dramática da mulher. O direito de abortar, em si, não pressupõe a emancipação da mulher. Tão somente a protege física e mentalmente das brutais consequências. Trata-se, portanto, na maioria dos casos de uma medida extrema tomada pelas mulheres que se vêm obrigadas a interromper a gravidez por fortes motivos, que somente elas podem avaliar e decidir. Sabe-se que um dos motivos mais comuns é o de não garantir o sustento da família. A pobreza e miséria assombram constantemente a vida familiar no capitalismo. Para a maioria das mulheres que recorrem ao aborto, não o faz como livre escolha.

No artigo *A Classe Operária e o Neomalthusianismo* (29

de Junho de 1913), em referência a um Congresso médico mundial, que tratou do problema do aborto, Lênin demonstrou que a burguesia podia choramingar sobre os terríveis efeitos “morais” e sociais que a gravidez não desejada provocava sobre as mães operárias e assalariadas solteiras. Mas, se negava a garantir um salário e condições de vida e trabalho dignas que permitissem a uma mãe solteira ou a uma família operária garantir seu sustento, os cuidados e segurança mínimos para suas crianças.

A burguesia propunha como solução o “controle da natalidade”. Estava aí exposta a hipocrisia de corpo inteiro. Lênin responde: *“É quase impossível encontrar prova mais clamorosa do caráter absolutamente reacionário e da inconsistência do «neomalthusianismo social» do que a frase do Sr. Astrakhan, por nós citada”*. Refere-se à fala desse delegado ao Congresso, que, defendendo o “controle de natalidade”, zombava dizendo que se deveria *“convencer as mães a ter filhos, para que sejam estropiados nas escolas, para que sejam induzidos ao suicídio segundo sorteio!”*. O delegado do Congresso, observa Lênin, foi recebido arduamente com aplausos. E exclama: *“Os presentes eram burgueses, pequenos e médios, com mentalidade pequeno-burguesa. Que se podia esperar deles, se não o mais rasteiro liberalismo?”*.

O problema estava, assim, em analisar o fenômeno *“segundo o ponto de vista da classe operária”*. Para Lênin, a questão de fundo não estava em “controlar a natalidade”, mas em fazer com que os filhos que viessem à vida soubessem lutar melhor, *“mais unidos, com maior consciência e energia que nós mesmos contra as atuais condições de vida que estropiam e arruinam a nossa geração”*. Essa, portanto, era *“a diferença entre a mentalidade do camponês, do artesão, do intelectual e a do proletário”*. Lênin afirma mais à frente: *“O pequeno-burguês vê e sente que está caminhando para a ruína, que a vida se torna mais difícil, que a luta pela existência se torna sempre mais cruel, que a sua situação e a de sua família se tornam cada vez mais sem saída”*. De forma que o “controle da natalidade” expressava os interesses e anseios de *“uma classe que se*

*precipita, sem esperança, para sua própria ruína, que não tem nenhuma confiança no próprio futuro*". Ou seja, *"Nada se pode fazer, senão ter menos filhos"*.

Diferentemente da pequena burguesia, *"O operário consciente está a mil milhas de distância desse modo de ver"*. Sua tarefa principal está em lutar *"em nome de palavras de ordem nossas, de nossa classe"*. Isto porque *"a classe operária não se precipita para a ruína, mas cresce, torna-se mais forte e mais viril, torna-se compacta, educa-se e tempera-se no combate"*. Eis, disse, *"a única razão, pela qual somos decididamente inimigos (...) dessa tendência própria dos casais pequeno-burgueses, que, em sua mesquinhez e egoísmo, murmuram assustados: se Deus quiser, viveremos nós dois de qualquer modo; quanto aos filhos, é melhor não os ter"*.

Essa formulação correspondia às tendências gerais da época. O exército do proletariado ganhava confiança em si mesmo e ameaçava o regime burguês. Ao contrário, mais se acentuava a decomposição e desmoralização da burguesia, que arrastava em sua desagregação amplas camadas da pequena burguesia. Ou, mais precisamente: enquanto a pequena burguesia e a burguesia pretendiam recorrer a medidas preventivas, que limitassem as manifestações da barbárie social, o proletariado lutava pela revolução e instauração do socialismo. Esse é o sentido prático da colocação de Lênin.

Para o marxismo, o fundamental da defesa do direito ao aborto livre, gratuito e garantido pelo Estado reside em que o direito da mulher de decidir se necessita interromper a gravidez se exerce como ato consciente e livremente escolhido. Distintamente, a repressão moral e religiosa adota como princípio a chamada "liberdade de consciência", o que, no capitalismo, serve para negar o direito da mulher decidir sobre o aborto.

Sem defender o aborto como princípio, Lênin se coloca pelo direito das mulheres decidirem, de acordo com a necessidade. De forma que nada impedia *"exigir a revogação de todas as leis que proibem o aborto ou proibem a difusão dos preceitos médicos referentes aos métodos preventivos,*

*etc. Tais leis não passam de uma hipocrisia das classes dominantes (...) não curam a moléstia do capitalismo, mas as tornam particularmente malignas e graves para as massas oprimidas (...) Uma coisa são a liberdade da propaganda médica e a defesa dos direitos democráticos fundamentais para os cidadãos de ambos os sexos; outra, a doutrina social do neomalthusianismo”, conclui. Para o proletariado, assim, se tratava da “luta mais encarniçada contra as tentativas de impor essa doutrina vil e reacionária à classe que é, na sociedade atual, a mais avançada, a mais forte, (...) preparada para as grandes transformações”.*

Somente a revolução proletária e a constituição de um Estado operário podem criar as condições para as mulheres exercerem o livre direito de abortar. A história demonstrou que foi de fato o Estado operário da Rússia o primeiro estado do mundo que garantiu esse direito de forma livre, gratuita e garantida pelo Estado para todas as mulheres.

## A prostituição: chaga burguesa que se extinguirá com o socialismo

As formulações de Lênin sobre a prostituição têm por referência obrigatória as elaboradas por August Bebel no seu livro *A mulher e o socialismo*. Nesse, se afirma que a prostituição é uma *“instituição social necessária do regime burguês (...) assim como a polícia, o exército permanente, a igreja e a classe capitalista”*. Evidentemente, a *“luta pela existência cada vez mais difícil”* obriga *“homens e mulheres a cometerem atos que detestariam em circunstâncias diferentes”* e que muitas mulheres proletárias *“são levadas à prostituição ocasional por necessidade”*. A prostituição constituía para Bebel um desses atos que se detestariam fazer em *“circunstâncias diferentes”*.

Por outro lado, segundo Bebel, *“O estado que busca regular a prostituição (...) degrada e desmoraliza a mulher”*, favorece as arbitrariedades policiais e é regida pelas leis que dominam no conjunto da produção social. De forma que, observa Bebel, *“Sob tais condições, o tráfico de mulheres assume dimensões enormes. É realizado no meio da civilização em larga escala e de forma bem organizada (...) Um exército de trabalhadores masculinos e femininos, agentes e transportadores, praticava o comércio a sangue frio, como se estivessem trocando uma mercadoria. São*

*elaborados certificados que contêm uma descrição exata e qualificação das várias ‘peças’ e que são entregues aos transportadores com um recibo de embarque ao cliente. Tal como acontece com todas as mercadorias, o preço varia de acordo com a qualidade, e os ‘bens’ são variados e enviados de diferentes lugares e países, de acordo com o gosto e os requisitos dos clientes. Por manipulações habilidosas, os comerciantes procuram escapar da busca da polícia, e, às vezes, grandes somas são empregadas para subornar os guardiões da lei e da ordem”.*

Essa compreensão explica por que Bebel rejeitou que a socialdemocracia defendesse a regulamentação da prostituição pelo Estado. Além disso, poderia alavancar a crença de que assim se realizaria a prevenção e controle das doenças sexuais, ou se evitariam os crimes relacionados à prostituição.

No texto *O V Congresso Internacional de Luta Contra a Prostituição* (26 de Julho de 1913), ao se referir aos “discursos solenes sobre os danos e a infâmia da prostituição”, Lênin ressalta que os “meios de luta invocados pelos delegados burgueses” se resumiam apenas a duas variantes: a religião e os métodos policiais. Fundamenta que a prostituição “é alimentada precisamente pela aristocracia e pela burguesia”. Isso explica por que, “quando o delegado austríaco Hertner tentou levantar a questão das causas sociais que remontam à prostituição, a miséria extrema das famílias operárias, a exploração do trabalho das adolescentes, as condições insuportáveis de moradia etc., um coro de exclamações hostis obrigou o orador a calar-se!”.

No entanto, não se tratava apenas de denunciar a hipocrisia e os interesses venais da burguesia. Segundo lembra Clara Zetkin (*Lembranças de Lênin*, 1920), o marxista russo muito se preocupou quando soube que “uma comunista muito qualificada publica em Hamburgo um jornal para as prostitutas e tenta organizar essas mulheres para a luta revolucionária”. E criticará, assim, a seção alemã por “considerar as prostitutas como, por assim dizer, um setor especial da frente revolucionária e de publicar para elas

*um jornal especial*". Para Lênin, tratava-se de "um desvio mórbido". De forma que "O Partido não pode tolerar, em nenhum caso, semelhantes atos, não autorizados, por parte de seus membros. Isso confunde as posições e desagrega nossas forças", assinalou.

A tarefa dos revolucionários devia ser a de impulsionar qualquer denúncia que possa levar as massas oprimidas a se chocarem com o Estado burguês. Eis por que Lênin citará o exemplo de Rosa Luxemburgo, que "agiu como comunista ao escrever um artigo no qual tomava a defesa das prostitutas, que são lançadas à prisão por infrações a qualquer regulamento da polícia referente à sua triste profissão. Duplamente vítimas da sociedade burguesa, as prostitutas merecem ser lamentadas. São vítimas, antes de tudo, do maldito sistema da propriedade, depois do maldito moralismo hipócrita". Nesse sentido, a denúncia das condições que empurram as mulheres exploradas a se prostituir e as consequências (sociais e econômicas) dessa ação permitem demonstrar que a burguesia não acabará com as chagas sociais, que surgem da decomposição do seu próprio regime social. E que o trabalho das comunistas, na Alemanha, devia se orientar a organizar e a educar as massas femininas na luta de classes, ganhando-as à causa da revolução.

Para Lênin, esse trabalho das comunistas devia consistir em estabelecer as reivindicações e medidas que permitam "reconduzir a prostituta ao trabalho produtivo, de indicar-lhe um lugar na economia social; o que, no estado atual de nossa economia e nas condições atuais, é uma coisa complicada e dificilmente realizável. Eis, portanto, um aspecto da questão feminina que, depois da conquista do poder pelo proletariado, se apresenta em toda a amplitude e exige solução".

É bom aqui observar que a prostituição tinha reflexos diretos no agravamento do aborto, como medida desesperada das mulheres exploradas, para evitar as brutais condições de vida às quais teriam de submeter os filhos "ilegítimos" e a ausência de medidas de prevenção e cuida-

dos da saúde. Como se vê, a prostituição e o aborto estão diretamente ligados às miseráveis condições de existência das mulheres oprimidas sob o capitalismo.

Está aí a explicação do porquê os marxistas não defendem a prostituição como se fosse um trabalho. Trata-se antes de qualquer coisa de uma excrescência social das sociedades divididas em classes sociais. E desaparecerá, portanto, com a extinção dessas. O que não significa desconhecer, evidentemente, que a guerra civil, o atraso, o baixo nível de desenvolvimento das forças produtivas, dentre tantas outras heranças do passado, serviram de caldo de cultura para que a prostituição continuasse a existir na Rússia soviética. A luta pela existência individual que surgiu nessas condições se manifestou assim na retomada da prostituição entre as operárias das cidades. Lênin e Trotsky assinalaram esse problema, que refletiam, em última análise, as condições de atraso do país e as derrotas revolucionárias na Europa.

O essencial, porém, está em que Lênin nunca defendeu a prostituição como um trabalho; nem se colocou em defesa da organização das prostitutas como destacamento das massas oprimidas. Os marxistas devem partir do princípio de que a prostituição é uma *“instituição social necessária do regime burguês”*. A prostituição é, sob o regime burguês, um ramo dos negócios capitalistas. Com o desenvolvimento do socialismo, acabará a comercialização sexual dos corpos e as relações sexuais serão medidas pelo interesse, o consentimento e os desejos individuais.



## A reivindicação de “amor livre”

A manifestação do amor sexual e as formas que adotam os relacionamentos afetivos dizem respeito apenas às pessoas envolvidas: é um assunto privado. Essa é uma premissa assentada por Marx e Engels. No entanto, Lênin teve de travar uma luta dentro do próprio movimento revolucionário contra a assimilação da reivindicação burguesa do “amor livre”.

Essa bandeira era acolhida pelas camadas femininas da intelectualidade pequeno-burguesa e burguesa, segundo as quais a conquista do “amor livre” serviria de base material para construir e firmar novas relações afetivas e sexuais entre os indivíduos. O problema consistia no fato de importantes lideranças da socialdemocracia russa e alemã terem assimilado tal proposição e passarem a defendê-la como sendo parte do programa da emancipação da mulher.

Evidentemente, para Lênin, não se tratava de teorizar sobre o caráter e as formas que devem ter os relacionamentos afetivos ou a livre manifestação da sexualidade. O momento histórico exigia formar quadros e lideranças capazes de traduzir o marxismo na linguagem da luta revolucionária das massas. Exigia subordinar os estudos da situação política e das classes e de aplicar a teoria marxista à luta concreta e às necessidades práticas do movimento revolucionário. E exigia, especialmente, focar a energia e força da classe ope-

rária e de seu partido nessa luta pelo socialismo. Todo desvio dessa linha, dizia Lênin, impediria concentrar toda energia da classe operária na resolução dessa tarefa histórica.

É nessas condições que Lênin travará combate contra os desvios que ameaçavam deformar a luta das mulheres proletárias pelas suas reivindicações de classe, submetendo-as à procura da satisfação sexual e do hedonismo pequeno-burguês. Parte dessa luta foi travada por Lênin contra as posições de Inessa Armand, que não apenas defendia o “amor livre”, como também preparava a publicação de um folheto que trataria a “livre sexualidade” como aspecto da libertação das mulheres.

Para Lênin, a livre manifestação da sexualidade apenas poderá existir na sociedade que liberte os relacionamentos de todo cálculo econômico e preocupações materiais, de preconceitos religiosos e sociais, da intervenção do Estado na vida afetiva dos indivíduos, etc., ou seja, no socialismo. No entanto, aproveitou a polêmica travada com Armand para expor a raiz de classe da suposta “teoria comunista do amor livre”.

Lênin mostrará que as formulações sobre o “amor livre” estava determinada *“pelas relações objetivas de classe”*, e não pelos desejos subjetivos das pessoas. Nas condições colocadas e sob o capitalismo, o “amor livre” constituía de fato uma reivindicação burguesa. Apenas as mulheres da burguesia e das camadas da pequena burguesia intelectualizada podiam fazer dessa reivindicação a base da libertação da mulher da carga do matrimônio burguês e de sua moral. Está aí por que proporá a Armand suprimir do folheto a *“reivindicação feminina do amor livre”*. Lênin justifica que *“é praticamente uma reivindicação burguesa e não proletária”*. E pergunta o que entende Armand por “amor livre”: *“1) que a mulher se veja livre de todo cálculo material (financeiro) em questões de amor?, 2) que se veja livre também de toda preocupação material?, 3) dos preconceitos religiosos?, 4) das proibições do chefe de família, etc.?, 5) dos preconceitos da sociedade?, 6) da mesquinha atmosfera (camponesa, ou pequeno-burguesa, ou intelectual-burguesa) do meio social?,*

7) dos entraves da lei, dos tribunais e da polícia?, 8) da responsabilidade no amor?, 9) da procriação?, 10) da liberdade de adultério?”.

Segundo explica Lênin, nos pontos 8 ao 10, estava explicitado o sentido do “amor livre” para mulher da burguesia e da pequena burguesia. De forma que, assinala: “(...) a questão não está em como você ‘quer compreender’ subjetivamente o conceito. A questão está na lógica objetiva das relações de classe nas questões do amor”. Diferentemente, se se tomavam em conta os pontos 1 ao 7, se estaria refletindo o ponto de vista proletário. Mas, isso já não seria “amor livre propriamente dito”, afirma Lênin.

O essencial estava em “contrapor o amoral e sujo matrimônio pequeno-burguês sem amor ao matrimônio civil proletário com amor”. A rejeição da reivindicação do “amor livre” significava rejeitar também a dupla moral da liberdade de se relacionar sexualmente sem nenhuma responsabilidade afetiva e “justificando moralmente” o adultério sem tocar nas bases da família burguesa. Isto é, rejeitar a hipocrisia das classes que procuravam satisfazer pequenos desejos sexuais, acobertando-os com manobras discursivas pseudoteóricas.

O fato da socialdemocracia aceitar a “consigna do amor livre” significava, para Lênin, abandonar a tarefa de organização das massas femininas pelo objetivo de destruir o capitalismo. É o que se observa ainda nas entrevistas que concederá a Clara Zetkin (1920). Nelas, mostra ser necessário combater, na socialdemocracia e nos partidos comunistas, para que “os problemas sexuais e matrimoniais não sejam vistos como parte principal da questão social e que, ao contrário, a grande questão social não apareça como parte, como apêndice, do problema sexual (...) Isso não só prejudica a clareza da questão, mas obscurece o pensamento em geral, a consciência de classe das operárias”.

Disse Lênin: “Neste momento, todos os pensamentos das operárias, das mulheres trabalhadoras devem estar voltados para a revolução proletária. Ela é que criará, inclusive, a base para as novas condições de casamento e novas relações entre os sexos. Agora, realmente, devem passar para

o primeiro plano outros problemas, que não aqueles que se referem às formas de casamento entre os maoris da Austrália ou os casamentos realizados entre consanguíneos na antiguidade”. E conclui: “A História põe hoje na ordem do dia (...) a questão dos soviets, do tratado de Versalhes e da sua influência sobre a vida das massas femininas, o problema do desemprego, do rebaixamento dos salários, dos impostos e muitas outras coisas”.

De fato, a luta travada por Lênin contra a pseudoteoria do “amor livre” passava pelo combate contra a penetração do feminismo da pequena burguesia e evitar que às massas femininas não pudessem se elevar por “cima da mentalidade estreita pequeno-burguesa, individualista, da sua vida doméstica e familiar”. Evidentemente, disse, “A decadência, a putrefação, a lama do casamento burguês, com as suas dificuldades de dissolução, com a liberdade para o marido e a escravidão para a mulher, a mentira infame da moral sexual e das relações sexuais, enchem os melhores homens de um desgosto profundo”. Isto, porque “As formas do casamento e das relações entre os sexos, no sentido burguês, já não satisfazem”. E depois assinala: “Nesse terreno, aproxima-se uma revolução que corresponde à revolução proletária”.

Era falso considerar que essa “revolução” pudesse se operar isoladamente, como atos individuais e puramente sexuais e isolados da luta coletiva do proletariado. Para Lênin, isso “nada tem a ver com a ‘liberdade do amor’, tal como nós comunistas a concebemos”. Ocorre que “Na vida sexual se manifesta não só aquilo que deriva da natureza, mas também o que nos dá a cultura, quer se trate de coisas elevadas ou inferiores”. Ou seja, “As relações entre os sexos não são simplesmente a expressão da ação da economia social e da necessidade física, dissociadas no pensamento por uma análise psicológica”. De forma que “O mais importante é o aspecto social”, uma vez que as relações afetivas podem envolver um terceiro ser: a criança. “É disso que surge o interesse social, o dever para com a coletividade” dos relacionamentos afetivos. E conclui afirmando que a teoria do “amor livre” não é comunista, nem nova sequer: “foi ‘pregada’ na

*literatura em meados do século passado, como ‘emancipação do coração’, que a prática burguesa transformou depois em ‘emancipação da carne’.*

O comunismo traria, sem dúvida, *“a alegria de viver e o bem-estar físico, devido, também, à plenitude do amor”*. O essencial estava, assim, em concentrar as energias físicas e intelectuais na luta revolucionária. De forma que, dizia Lênin, não se podia *“tolerar estados orgíacos”*. Menos ainda quando *“O proletariado é uma classe em ascensão. Não necessita inebriar-se, atordoar-se, excitar-se. Não precisa embriagar-se nem com excessos sexuais, nem com álcool. Não deve esquecer, e não esquecerá a baixeza, a lama e a barbárie do capitalismo”*. Para Lênin, isso exigia *“nada de fraqueza, nada de desperdício ou destruição de forças. Dominar-se, disciplinar os próprios atos não é escravidão, e é igualmente necessário no amor”*.

Como se vê, para Lênin, a livre manifestação da sexualidade e seu pleno desenvolvimento é um fenômeno que depende da extinção da família na sua forma burguesa. Isto é, da destruição da sociedade burguesa e da edificação socialista. Os marxistas não esquecem, nem obscurecem o fato de que é a forma como cada indivíduo produz e reproduz suas condições de existência social que determina a hierarquia por meio da qual se ordenam suas vivências e experiências sensíveis com o mundo material, com seu próprio corpo e sua sexualidade. De maneira que a vida sexual dos indivíduos está, em última instância, determinada pelo lugar que ocupam os indivíduos como membros de uma classe social nas relações de produção da sociedade historicamente dada. A experiência histórica demonstra que nenhuma sociedade de classes possibilitou a realização do princípio elementar de que a vida sexual é de ordem privada e que as relações afetivas dizem respeito apenas a quem as constrói. Somente o Estado operário, surgido da revolução proletária, que tem como uma de suas tarefas varrer a influência da Igreja e do Estado na vida íntima das pessoas, porá a sexualidade como um assunto privado que diz respeito apenas aos envolvidos.

## As mulheres no Estado operário

A libertação da mulher da opressão secular, econômica e familiar será obra coletiva de milhões de mulheres exploradas e oprimidas. A primeira conquista do Estado operário foi a de não deixar *“nenhum vestígio da desigualdade jurídica entre homens e mulheres. O poder soviético aboliu por completo a desigualdade particularmente ignóbil, abjeta e hipócrita que caracterizava o direito matrimonial e de família, a desigualdade em relação aos filhos”*.

A permanência da propriedade privada impedia as mulheres de alcançarem a plena igualdade com os homens. Enquanto que o Estado operário, assentado na propriedade social, era a única garantia de sua conquista efetiva. Mas, a revolução proletária era, para Lênin, *“apenas o primeiro passo para a emancipação da mulher”*. Sem esse passo, não havia como avançar a conquista da plena igualdade da mulher. O segundo passo, *“o mais importante, consistiu na abolição da propriedade privada da terra, das fábricas e das usinas. Essa abolição, e somente ela, abre caminho para a emancipação completa e efetiva da mulher, para sua libertação da ‘escravidão doméstica’, porque assinala a passagem da mesquinha e fechada economia doméstica para a grande economia socializada”*.

O essencial do acima colocado está em que o Estado operário conquistou para as mulheres exploradas um am-

plo campo de ação para a luta pela completa libertação das duplas cadeias da opressão. Como assinala Lênin no texto *O Dia Internacional da Mulher*, de 8 de março de 1921, “O resultado principal, fundamental, obtido pelo bolchevismo e pela Revolução de Outubro, é haver atraído para a política justamente aqueles que eram mais oprimidos sob o capitalismo. (...) A essência do bolchevismo, do poder soviético, consiste em que (...) concentra todo o poder do Estado nas mãos das massas trabalhadoras e exploradas. Essas massas tomam a política em suas mãos, isto é, a tarefa de construir uma nova sociedade”. A construção dos rudimentos socialistas, no entanto, era uma tarefa difícil, observa Lênin. Mas, “não existe nem pode existir outro caminho para sair da escravidão do salário, da escravidão capitalista”.

Por outro lado, a revolução proletária e o Estado operário na Rússia se constituem em um farol que desperta e guia a luta das mulheres exploradas de todo o mundo. Como Lênin destaca “as operárias de todos os países do mundo, reunidas em inúmeros comícios, enviam sua saudação à Rússia soviética, que iniciou uma obra extremamente difícil, árdua, mas grandiosa, de porte mundial, precursora de uma verdadeira emancipação da mulher (...) Em todas as partes do mundo, rompeu-se o gelo”.

Não por acaso, a República soviética ganhou o ódio da classe dos capitalistas e a rejeição dos movimentos feministas, que viram no bolchevismo o coveiro de suas ilusões reformistas.

A luta das mulheres pelos seus direitos teria, assim, na Revolução Russa, o exemplo de que somente a revolução proletária e o Estado operário conseguiram libertá-las das cadeias da opressão. Essa lição é uma das maiores conquistas das mulheres exploradas do mundo todo. A união das massas, sob o programa e os interesses comuns de toda a classe operária, é a única via capaz de conquistar a igualdade real e efetiva das mulheres com os homens.

## A mulher camponesa e a construção do socialismo

O Estado operário se ergueu na base da aliança operária e camponesa. E, no seio dessa aliança, se destacava, para Lênin, a importância das massas femininas camponesas na tarefa de consolidar as conquistas e construir os alicerces das futuras transformações socialistas, tanto no âmbito da produção social, quanto no da vida familiar e da economia doméstica no campo. O que exigia, em primeiro lugar, tirar do atraso secular as camponesas e integrá-las à construção do socialismo.

Já desde antes da revolução, Lênin se dedicou a conhecer e compreender as bases sociais e os fundamentos históricos que permitiriam ao bolchevismo conquistar as camponesas para o programa revolucionário. O primeiro dos estudos realizados nesse sentido foi publicado sob o título *O Trabalho da Mulher na Agricultura no Regime Capitalista*, publicado em 31 de Julho de 1913. Nele, Lênin observa que “*Nos países capitalistas desenvolvidos, a agricultura já se tornou uma ocupação predominantemente feminina*”. E, por outro lado, que “*se examinamos os dados relativos às explorações agrícolas de diferentes dimensões, constatamos que a exploração do trabalho feminino atinge um grau particularmente intenso justamente na **pequena** produção.*”



Ao contrário, a grande produção capitalista utiliza, predominantemente, mesmo na agricultura, o trabalho masculino, embora menos que na indústria”. Do que se depreendia que “Nas explorações proletárias, isto é, nas explorações cujos ‘patrões’ obtêm os meios de subsistência principalmente do trabalho assalariado (...) o **trabalho feminino prevalece sobre o masculino** e, algumas vezes, em grau elevado”. Assim como “(...) nas explorações capitalistas, o trabalho masculino **predomina sobre o feminino**”.

Dos dados acima colocados, extrai a conclusão de que “(...) na agricultura, a trabalhadora proletária e camponesa devem despende muito mais força, suar sangue, extenuar-se, à custa de sua saúde e da saúde de seus filhos, para ficar talvez em pé de igualdade com o trabalhador masculino da grande produção capitalista”. O que significava que “(...) no capitalismo, a pequena produção só se mantém **extraindo** da trabalhadora uma quantidade de trabalho **maior** do que a que dela se extrai na grande produção capitalista”. Finalmente, destaca que no capitalismo se vê agir “uma só e mesma lei da agricultura capitalista. Quanto menor é a produção, tanto pior a composição da mão-de-obra, mais acentuada a predominância da mulher no número total de pessoas ocupadas na agricultura”.

Notava-se, assim, que “A agricultura camponesa de pequena e média escala algemava as mulheres, as atava ao cuidado individualizado no lar e estreitava seus horizontes; elas eram, de fato, escravas de seus maridos, que, muitas vezes, as agrediam cruelmente”. Nesse caldo de cultura do atraso secular e da opressão familiar, se pavimentava o caminho para a religião. É o que destaca Krupskaya (A emancipação da mulher segundo Lênin), quando diz que Lênin acostumava lembrar que os camponeses diziam: “Cada homem por si e Deus por todos”.

Somente com a coletivização socialista da produção agrícola a camponesa romperia com a religião e se emanciparia do atraso, dos preconceitos e da opressão familiar. É o que se observa no discurso de Lênin ao Primeiro Congresso Pan-Russo das Operárias (19 de Novembro de

1918), quando afirma que a mulher camponesa “*só pode encontrar a própria libertação no socialismo, quando passarmos da pequena exploração camponesa para a fazenda coletiva e para o cultivo em comum da terra*”. Somente assim, disse, “*serão completas a libertação e a emancipação da mulher*”.

Tal perspectiva significava contar com dezenas de anos para criar condições para tais mudanças. Mas, era necessário dar passos decisivos nesse caminho. No *Primeiro Congresso Pan-Russo das Operárias*, Lênin assinala que essa será uma tarefa difícil. Alerta que “*já se estão criando comitês de camponeses pobres e se aproxima o momento em que a revolução adquirirá nova força*”. O avanço da organização camponesa mostrava que a revolução tinha despertado e mobilizado enormes forças morais e físicas e que, assim, o socialismo iria “*adquirindo base sólida*”.

Dessa evolução política, dependia a sorte do Estado operário e, em última instância, os rumos da aliança operária e camponesa. Eis por que Lênin reconhece que “*A revolução atual se apoia no campo e nisso está sua importância e sua força*”. O lugar de destaque da mulher camponesa nas transformações sociais e familiares devia impulsionar o poder soviético a fazer “*tudo para que a mulher possa cumprir seu trabalho proletário e socialista com independência completa*”.

## Destacamento de vanguarda das transformações socialistas

As operárias deviam cumprir um lugar de vanguarda na luta por consolidar, firmar e estender os cimentos do Estado operário. A dedicação e elevação política das operárias eram as condições necessárias para a revolução cumprir suas tarefas históricas. Lênin demonstra o lugar estratégico da mulher no processo revolucionário: *“Como dizemos que a emancipação dos operários deve ser obra dos próprios operários, assim também afirmamos que a emancipação das operárias deve ser obra das próprias operárias”* (*As Tarefas do Movimento Operário Feminino na República dos Sovietes*, de 25 de Setembro de 1919).

Lênin era ciente de que o despertar da luta política das massas femininas operárias tinha alavancado a luta do conjunto da classe operária. A integração da mulher à produção social, realizada pelo capitalismo, criava condições para as mulheres se somarem ao exército proletário. Como observara em *O Trabalho da Mulher na Fábrica* (março de 1899), *“(...) a incorporação de mulheres e de adolescentes na produção é, no fundo, um fenômeno progressista. (...) Destruindo o isolamento patriarcal dessas camadas da população, que, anteriormente, não saíam dos estreitos limites das relações familiares e domésticas; atraindo-as à*

*participação direta na produção social, a grande indústria mecanizada acelera seu desenvolvimento, amplia sua independência, isto é, cria condições de vida infinitamente superiores à imobilidade patriarcal das relações pré-capitalistas”.*

Dessas circunstâncias, Lênin extrai a conclusão da necessidade de uma maior participação das operárias na luta de classes e nas organizações de massas. No artigo *As Operárias* (22 de Fevereiro de 1920), Lênin insiste em que *“É preciso que a operária conquiste a igualdade com o operário não somente diante da lei, mas também de fato”.* Somente o socialismo permite esse salto qualitativo, uma vez que *“Na velha sociedade capitalista, para se ocupar de política, exigia-se uma preparação específica; por isso, a participação das mulheres na política era insignificante, até mesmo nos países capitalistas mais avançados e mais livres”.* Diferentemente, disse Lênin, *“Nossa tarefa é tornar a política acessível a qualquer trabalhadora”.* Assim, enquanto *“Na sociedade capitalista, a mulher é privada dos direitos políticos”*, no Estado operário *“(…) as principais tarefas políticas englobarão tudo que interessa diretamente à sorte dos próprios trabalhadores”.*

Conquistado o poder político, a luta das mulheres pela sua emancipação passava a se expressar na vida política dos soviets. *“Por isso, as operárias devem participar em medida cada vez maior da gestão das empresas públicas e da administração do estado”*, assinala Lênin. Para isso, *“devem participar em maior número das eleições”* para os soviets. Essa era a via para as mulheres conquistarem *“a igualdade com o operário não somente diante da lei, mas também de fato”.* Ou seja, sem a participação ativa das operárias nas decisões econômicas e políticas, na administração dos assuntos do Estado e das fábricas, *“O proletariado não alcançará a emancipação completa se não for conquistada primeiro a completa emancipação das mulheres!”.*

Consolidado o Estado operário, se colocavam as tarefas imediatas para assegurar a vitória e consolidar as conquis-

tas. Lênin destacará a participação das mulheres nessas tarefas. É o que afirma no artigo *As Tarefas do Movimento Operário Feminino na República dos Sovietes*, de 25 de Setembro de 1919. Eis: “*Desejo dizer-vos algumas palavras sobre as tarefas gerais do movimento operário feminino na República dos Sovietes, tanto sobre aquelas que se ligam à passagem para o socialismo em geral, como sobre aquelas que atualmente se colocam em primeiro plano, por sua urgência particular*”. E um dos principais problemas era o da situação da mulher.

Para resolvê-lo, demonstra Lênin, seria necessário atravessar duas fases diferenciadas, embora interligadas. “*A primeira parte dessa tarefa é relativamente simples e fácil: diz respeito às velhas leis que colocaram a mulher num estado de inferioridade em relação ao homem*”. Nesse sentido, “*na Rússia soviética, a situação da mulher pode considerar-se ideal, se comparada com a existente nos Estados mais avançados*”. A segunda tarefa, e mais difícil, era a que se referia “*aos trabalhos domésticos*”. Como afirma Lênin, “*Para que a mulher seja completamente emancipada e efetivamente igual ao homem, é preciso que os trabalhos domésticos sejam coisa pública e que a mulher participe do trabalho produtivo geral. Então ela terá uma posição igual à do homem*”.

Como se vê, uma das tarefas de maior importância para as massas operárias femininas na construção do socialismo era a de “*(...) pôr fim à opressão da mulher que decorre da diferente situação econômica dos dois sexos*”. Ou seja, de avançar a socialização das tarefas da economia doméstica familiar, ou continuar “*(...) a subsistir, porque sobre ela cai todo o peso do trabalho doméstico que, na maior parte dos casos, é o trabalho menos produtivo, mais pesado, mais bárbaro. É um trabalho extremamente mesquinho que não pode contribuir, no mínimo que seja, para o desenvolvimento da mulher*” e, portanto, para o desenvolvimento do socialismo.

Era importante concentrar assim as forças do proletariado na constituição dos “*restaurantes populares, creches*

*e jardins de infância”. “Eis aí os campos em que a atividade da operária adquire uma real importância organizadora”. E Lênin conclui afirmando: “(...) a tarefa de organizar todas essas instituições caberá antes de tudo às mulheres”. “Sem o concurso de grande número de trabalhadoras, uma obra desse tipo é irrealizável”.*

O fundamental está em que somente como parte da luta coletiva da classe operária pelo socialismo poderão as mulheres operárias criar os fundamentos materiais e sociais de sua completa libertação das cadeias da opressão. Como assinala Lênin, a edificação socialista “(...) só progredirá com a condição de que em toda a Rússia não sejam centenas, mas milhões e milhões de mulheres que lhe deem seu apoio. Então, estejamos certos, a construção socialista lançará raízes profundas. Então, os trabalhadores demonstrarão que podem viver e governar sem latifundiários e sem capitalistas. Então, a construção socialista terá na Rússia uma base tão sólida que nenhum inimigo interior ou exterior será temido pelo poder soviético”.

## O programa da III Internacional para a mulher

Nas entrevistas de Clara Zetkin com Lênin, encontramos os conceitos e fundamentos marxistas que viriam a constituir o conteúdo e servir à estrutura das *Teses sobre a propaganda comunista entre as mulheres*, que foram aprovadas pelo III Congresso da internacional Comunista, em julho de 1921. Lênin lhe assinalou a importância das teses para “*nosso atual trabalho de agitação e propaganda*”. De forma que “*As teses devem deixar bastante claro que somente através do comunismo se realizará a verdadeira libertação da mulher*”. Era preciso, portanto, destacar principalmente “*os vínculos indissolúveis que existem entre a posição social e a posição humana da mulher: isto servirá para traçar uma linha clara e indelével de distinção entre a nossa política e o feminismo*”. Essa seria “*a base para tratar o problema da mulher como parte da questão social, como problema que toca aos trabalhadores, para uni-los solidamente à luta de classe do proletariado*”. Isto por que “*O movimento comunista feminino deve ser um movimento de massas, uma parte do movimento geral de massas, não só do proletariado, mas de todos os explorados e de todos os oprimidos, de todas as vítimas do capitalismo e de qualquer outra forma de escravidão. Nisso está sua significação no*

*quadro da luta de classes do proletariado e de sua criação histórica: a sociedade comunista”.*

O essencial para Lênin estava em como *“formular reivindicações em favor das mulheres”*. Mas, não se tratava *“de um programa mínimo, de um programa de reformas, no sentido dos socialdemocratas da II Internacional”*. Tratava-se de *“conclusões práticas que tiramos das necessidades prementes, da vergonhosa humilhação da mulher e dos privilégios do homem”* e liga-las *“à finalidade de conquistar o poder e de realizar a ditadura do proletariado (...)”*.

Como vanguarda organizada e coesa pelo programa, os partidos comunistas deviam, por sua vez, convencer as mulheres sobre a justeza da estratégia revolucionária. O que exigia, segundo Lênin, um trabalho sistemático e organizado, *“possuir pessoas, grupos de trabalho, comissões, comitês, escritórios ou o que mais for preciso, com a tarefa específica de despertar as massas femininas, de manter contato com elas e de influenciá-las. Isso exige, é evidente, um trabalho sistemático”*.

Publicadas as Teses, notamos como as orientações de Lênin tomaram a forma de programa e de métodos práticos para desenvolver o trabalho comunista entre as mulheres. Destaca-se, assim, sua importância na orientação do movimento revolucionário mundial das mulheres exploradas.

Nos Princípios Básicos, nos deparamos com a resolução que orienta *“todos os partidos comunistas (...) a aumentar o trabalho entre o proletariado feminino, educar a grande massa de mulheres (...) atraindo-as para a luta pelo poder Soviético (...)”*. Isto porque *“A ditadura do proletariado é o objetivo fundamental e imediato e isso determina para o proletariado de ambos os sexos os métodos de trabalho e o sentido da luta”*. Nesta luta, *“(...) sem a participação ativa das grandes massas do proletariado feminino e as mulheres semiproletárias, o proletariado não pode nem tomar o poder nem perceber o comunismo”*.

Como afirmam as Teses, é no comunismo que se criam as *“condições para que o conflito entre a função natural*



*da mulher - a maternidade - e suas obrigações sociais, que dificultam seu trabalho criativo para o coletivo, desaparecerão e o desenvolvimento harmonioso e multifacetado de uma personalidade saudável e equilibrada com firmeza e em estreita sintonia com a vida e as metas do coletivo de trabalho será concluído*". Mas, como o comunismo é o objetivo final do proletariado como classe, a luta das mulheres deve ser considerada como parte da luta indivisível do proletariado pelo socialismo. E como, por sua vez, a luta do proletariado é mundial, as Teses devem ser consideradas um programa mundial para a luta das mulheres do mundo todo.

A luta pela emancipação da mulher exige das massas femininas se elevarem à altura da necessidade de lutar sob as bandeiras da revolução e ditadura proletárias. O que impõe aos partidos, por sua vez, adotar formas organizativas capazes de desenvolver um trabalho de elevação dessa consciência revolucionária. Entretanto, essa ligação não devia ser realizada pondo em pé um "movimento especial" das mulheres, nem organizações em separado das organizações de massas.

No capítulo Métodos e formas de trabalho entre as mulheres, se diz: *"As mulheres devem ser incluídas em todas as organizações militantes de classe - o Partido, os sindicatos, as cooperativas, Sovietes de representantes de fábricas etc., com igualdade de direitos e responsabilidades iguais". De forma que "O III Congresso da Internacional Comunista opõe-se firmemente a qualquer tipo de associações de mulheres separadas nos partidos e sindicatos ou organizações de mulheres especiais, mas aceita que especiais métodos de trabalho entre as mulheres são necessários e que cada partido comunista deveria criar um aparelho especial para este trabalho (...)"*. Trata-se de *"departamentos ou comissões de trabalho entre as mulheres, associado a cada comitê do partido em todos os níveis, a partir do CC do Partido até o comitê do partido urbano, distrital ou local. Esta decisão é obrigatória a todas as seções da Internacional Comunista"*.

Finalmente, as Teses destacam que a organização das mulheres exige que se rompa, resolutamente, com todas as variantes do feminismo burguês e do reformismo e centrismo pequeno-burguês. É o que se coloca, quando se assinala que *“O III Congresso da Internacional Comunista adverte as mulheres para que trabalhem contra qualquer tipo de cooperação ou acordo com as feministas burguesas”*. Assim como *“As mulheres comunistas devem condenar todos aqueles que têm medo da tática revolucionária da Internacional Comunista (...)”*. A luta das mulheres pela sua emancipação, como se vê, está ligada à luta por romper com toda teoria e contra toda organização que as afastam da tarefa de se organizar como parte integrante e indissolúvel do movimento geral do proletariado revolucionário.

Como se vê, Lênin ajudou cimentar a relação entre teoria e táticas revolucionárias, para desenvolver um trabalho revolucionário no seio das massas femininas exploradas. Suas concepções sobre como organizar uma atividade revolucionária ajuda as massas femininas a se elevarem à consciência socialista. As Teses sobre a propaganda comunista entre as mulheres constituem, sem dúvida, uma conquista revolucionária do proletariado mundial. E, particularmente das mulheres, que passaram a contar com um programa, com formas organizativas, métodos de trabalho e táticas de luta, para se integrarem efetiva e realmente ao movimento revolucionário mundial.





---

Escreva para Caixa Postal 630 - CEP 01059-970 - São Paulo  
[www.pormassas.org](http://www.pormassas.org)

---